

ASPECTOS PROSÓDICOS DE SENTENÇAS NEGATIVAS NO PB

Lílian Teixeira de SOUSA¹

RESUMO: O objetivo do presente estudo é verificar algumas características acústicas das diferentes sentenças negativas no PB e relacioná-las a regras de mapeamento sintaxe-fonologia. A hipótese é a de contorno entoacional (*pitch*) neutro para sentenças com negativa apenas pré-verbal e contorno de foco no item negativo quando pós-verbal, uma vez que há diferenças pragmáticas entre a sentença negativa canônica e as variantes com *não*-final.

Palavras-chave: Negação; Foco; Mapeamento sintaxe/fonologia.

ABSTRACT: The aim of this paper is verify some acoustic characteristics of the different negative sentences in PB and relate them to the rules of syntax-phonology mapping. The hypothesis is neutral pitch to preverbal negative sentences and focus contour to post verbal negative items, since there are pragmatics differences between the canonical negative sentence and the other ones (with final negative item).

Keywords: Negation; Focus; Syntax-phonology mapping.

1. Introdução

A negativa sentencial no Português Brasileiro (PB) pode ocorrer em três tipos de construções, a saber, [Não VP], [Não VP Não] e [VP Não]. De acordo com Schwenter (2005), considerando a pragmática, há diferenças de estatuto entre essas formas de se expressar a negação sentencial no PB, sendo a dupla negativa e a negativa final mais sensíveis a propriedades estrutural-funcionais do discurso relacionadas a informação velha sendo ativada ou inferida. Também Sousa (2008) relaciona as sentenças negativas marcadas ([Não VP Não], [VP não]) com questões pragmáticas, a dupla negativa no PB exibiria propriedades associadas à refutação de pressuposição, podendo o *não*-final de sentença ser interpretado como um operador de foco que confere interpretação contrastiva/exaustiva à sentença negativa (TP).

Alguns fenômenos do discurso apresentam correlatos acústicos, entre eles o Foco, que pode ser marcado através do assinalamento de proeminência principal sobre um item específico de uma sentença, a depender de um contexto pragmático. Se o foco recai sobre uma sentença inteira, comumente tratado como foco largo ou neutro, espera-se que nenhum item específico receba maior proeminência. Considerando-se a possibilidade de uma interpretação de foco para as sentenças negativas marcadas no PB, o presente estudo tem como objetivo

¹ Doutoranda em Linguística pela UNICAMP.

verificar as características acústicas desses diferentes tipos de construção, além de relacioná-las a regras de mapeamento Sintaxe/Fonologia (Selkirk (1984, 1995), Truckenbrodt (1999)).

Para tanto, realizamos experimento envolvendo análise acústica da fala de quatro informantes, 2 do sexo masculino e 2 do sexo feminino, com faixa etária de 20 a 30 anos. As sentenças produzidas pelos falantes, em contexto de fala espontânea, foram analisadas através do programa de análise da fala *Praat*.

A hipótese que aventamos é a de contorno entoacional (*pitch*) neutro para sentenças com negativa apenas pré-verbal e contorno de foco no item negativo quando pós-verbal.

O texto está organizado como se segue: Na seção 2, iremos fazer uma pequena descrição da proposta da Fonologia Prosódica, além de aspectos teóricos relacionados a foco e a negação sentencial. Na seção 3, apresentaremos a análise dos dados. E, por fim, na seção 4, serão apresentadas as considerações finais.

2. Referencial teórico

2.1. A Fonologia Prosódica

A teoria considerada para a análise é a da fonologia prosódica (Selkirk; 1984, 1995), a qual estabelece uma hierarquia de segmentos fonológicos agrupando segmentos em sílabas (σ), sílabas em pés (Σ), pés em palavras prosódicas (ω), palavras prosódicas em sintagmas fonológicos (φ), sintagmas fonológicos em sintagma entoacional (I) e esses em enunciados (U).

As regras de mapeamento de XP's sintáticos para a estrutura prosódica são regras que definem as unidades da hierarquia prosódica. E a Condição de mapeamento XP para P é proposta por Selkirk (1984) da seguinte forma:

(1) Condição de mapeamento XP para P

Restrições de mapeamento relacionam XP's a sintagmas fonológicos, mas não relacionam XP's a outras entidades prosódicas.

Assim, nas línguas, sintagmas fonológicos são entidades prosódicas que são derivadas de XP's sintáticos. Muitos domínios prosódicos são derivados de XP's sintáticos e são classificados como sintagmas fonológicos (P).

Para Selkirk (1986), os domínios em Chi mwi:ni, uma língua banto, podem ser derivados de alinhamentos de margem direita de XP's com fronteiras prosódicas. E, a partir daí, ela propõe uma teoria universal de fraseamento, Teoria End-Based, baseada no

alinhamento de sintagmas fonológicos com XP's sintáticos. Nessa teoria, as relações sintaxe/fonologia se estabelecem no fim do constituinte sintático, ou seja, nas fronteiras de XP's.

A hipótese passou por algumas modificações até chegar ao formato proposto por Selkirk (1995). Nessa nova proposta, a formação dos constituintes prosódicos passa a ser derivada não mais pelo respeito a regras de boa-formação, mas através de hierarquias de restrições violáveis, a depender de cada língua. Algumas dessas restrições são:

- (2) a. (Alinhe-XP, D: Alinhe (XP, D; P, D)
 “Para cada XP há um P, em que a fronteira direita de XP coincide com a fronteira direita de P”
- b. Alinhe-XP, E: Alinhe (XP, E; P, E)
 “Para cada XP há um P, em que a fronteira esquerda de XP coincide com a fronteira esquerda de P”

Refinando a Teoria End-Based, Selkirk (1995) argumenta que as restrições relacionadas a estruturas sintáticas e prosódicas se aplicam a elementos lexicais e suas projeções, mas não a elementos funcionais e suas projeções.

Nespor e Vogel (1986) argumentam que categorias sintáticas podem levar à formação de constituintes prosódicos que podem ser detectados por regras fonológicas. Essas regras fonológicas ignoram sistematicamente elementos sintáticos vazios e aí é reformulada a Condição da Categoria Lexical (LCC):

- (3) Condição da Categoria Lexical
 “Restrições relacionadas a categorias sintáticas e prosódicas se aplicam a elementos sintáticos lexicais e suas projeções, mas não há elementos funcionais e suas projeções, ou a elementos sintáticos vazios e suas projeções”.

2.2. *Foco*

O Foco, em lingüística, é a ênfase dada em algum ponto de uma sentença motivada pelo discurso/ pragmática. Foco pode ser entendido, ainda, como sendo a parte não-pressuposta (ou não-inferível) da sentença (Kiss (1998), Zubizarreta (1998)). A asserção pressuposicional, nesse sentido, contém um conjunto de alternativas que precisam ser propriamente saturadas. Um teste geralmente usado para determinar que parte da sentença é o foco e qual é a pressuposição é realizado através da formação de uma pergunta. Assim, em uma questão como “O que aconteceu?” o elemento focalizado vai ser toda a oração. Já em uma questão como “Quem comeu o bolo?” o foco recairá sobre o sujeito da sentença, ou seja,

o foco vai ser a parte da resposta que atribui valor à variável presente na questão e esse elemento focado recebe, geralmente, uma maior proeminência.

Kiss (1998) reconhece ainda a distinção entre foco informacional e foco identificacional: (i) Foco Informacional: é o que não é pressuposto em uma estrutura tópico-foco (tema- rema); (ii) Foco Identificacional: expressa identificação exaustiva.

O foco informacional é a estrutura tópico-foco, em que a categoria relevante na periferia à esquerda se refere ao tema e a porção restante da sentença carrega a informação nova sobre esse tópico. Há um padrão prosódico específico associado com sentenças com foco informacional. Sentenças com foco informacional apresentam o acento nuclear no elemento mais baixo na estrutura (Cinque, 1993):

(4) A Ana comeu o BOLO.

Nesse exemplo, *Ana* é o tópico e o restante da sentença (todo o VP) apresenta uma informação nova sobre esse tópico (*Ana*). O item mais encaixado na estrutura, o núcleo do objeto direto, recebe o acento principal.

Assim, considerando a Fonologia prosódica, numa estrutura de foco informacional, a proeminência principal de I é atribuída à cabeça do último φ de I, a depender da recursividade da língua (Nespor & Vogel, 1986).

O foco identificacional se diferencia do foco informacional porque, no primeiro, o acento principal recai necessariamente sobre o elemento associado com identificação exaustiva. Dessa forma, o que diferencia o foco identificacional do foco informacional é que o acento não recai sobre o item mais baixo na árvore. Ou seja, quando há foco identificacional, há a desacentuação do acento original ou há a atribuição de acento adicional ao constituinte relevante que precisa ser focalizado.

Com relação ao aspecto entoacional do foco, ressalta-se, ainda, que aspectos como mudança no padrão de F0 da sentença como um todo, além de aumento da duração e/ou intensidade, podem ser reflexos do acento que porta o elemento focalizado. (Xu, 2005).

Com relação ao mapeamento XP para P, muitos estudos sobre diferentes línguas (Truckenbrodt (1999), Kanerva (1989)) apresentam evidência de atribuição de P-fronteira depois do constituinte focalizado. A restrição é, então, formalizada da seguinte forma:

(5) Alinhe Foco – Alinhe (Foco, D; P, D)

“Alinhe a fronteira direita de um constituinte focalizado na estrutura informacional ou sintática com a fronteira direita de um sintagma fonológico na estrutura fonológica”.

A partir do apresentado, tem-se que o elemento focalizado nas línguas pode: (i) portar o acento principal da sentença, (ii) portar um tipo de acento tonal específico, (iii) afetar a distribuição dos acentos tonais, (iv) afetar o fraseamento dos domínios prosódicos.

2.3. Negação

Schwenter (2005) afirma que a negativa dupla é mais enfática que a negativa pré-verbal, uma vez que apresenta peso fonológico extra. E propõe que a dupla negativa e a negativa final são mais sensíveis a propriedades estrutural-funcionais do discurso. Para ele, Neg2 contém a negação de um discurso antigo ou proposição inferida, que são pelo menos contextualmente ativadas. Ainda de acordo com Schwenter, Neg2 não é possível em contextos onde a proposição sendo negada é discurso novo e apresenta alguns dados:

- (6) [falante andando pela rua e, de repente, lembra-se que se esqueceu de desligar o fogão]
Nossa! (Eu) não desliguei o fogão (#não)!

Sobre essa sentença, Schwenter diz que não há nenhuma expectativa de que o falante tenha desligado o fogão e, por isso, Neg2 não seria possível. Dando continuação a sua argumentação, o autor acrescenta que, se à situação em (5) se incorporasse um interlocutor, poderia ser possível recuperar um discurso antigo que engatilhasse algum conteúdo proposicional e, dessa forma, tornar o uso de Neg2 possível.

- (7) [mesma situação de (5)]

A: Você desligou o fogão, né?

B: Nossa! Não desliguei não!

Para o autor, a diferença entre (5) e (6) é que a proposição “B desligou o fogão” tem o status de discurso antigo no último exemplo, tendo sido previamente mencionado na pergunta de A.

Sousa (2008) também considera que há diferenças pragmáticas entre Neg1 e Neg2. Para ela, Neg2 aparece em situações em que há pressuposição sendo negada, tal qual ocorre em construções com foco contrastivo/ exaustivo. A evidência de interpretação de foco para a dupla negativa apresentada pela autora é a não possibilidade de Neg2 em perguntas-wh, também consideradas construções de foco, e em sentenças em que já há algum outro constituinte em foco²:

(8) Quem não foi ao cinema (*não)?

(9) A: Quem não foi ao cinema?

B: O JOÃO não foi (#não).

3. A Análise

3.1. Os informantes

Os quatro informantes que compõem o *corpus* são dois falantes do sexo masculino e dois do sexo feminino, todos na faixa etária entre 20 e 30 anos, sendo todos mineiros da cidade de Mariana/MG.

3.2. Tratamento dos dados

Para a análise envolvendo entoação, realizamos apenas a observação do contorno de F0. O objetivo era verificar se os picos das curvas da frequência fundamental de cada sentença se alinhavam com algum elemento que poderia ser identificado como foco.

Nessa análise não foi utilizado nenhum sistema de notação, embora se considere a grande relevância desse instrumento para os estudos envolvendo foco. O que buscamos observar foi se, em algum elemento das sentenças, houve a ocorrência de elevação da frequência fundamental, o que poderia indicar foco.

3.3. Pontos importantes

Os dados analisados foram levantados a partir de entrevistas sociolinguísticas, portanto, trata-se de dados de fala espontânea.

É importante ressaltar ainda que os falantes selecionados não produziram, durante a entrevista, negativas finais – [VP não]. Por esse motivo, nossa análise se concentrará apenas na comparação entre Neg1 ([Não VP]) e Neg2 ([Não VP Não]).

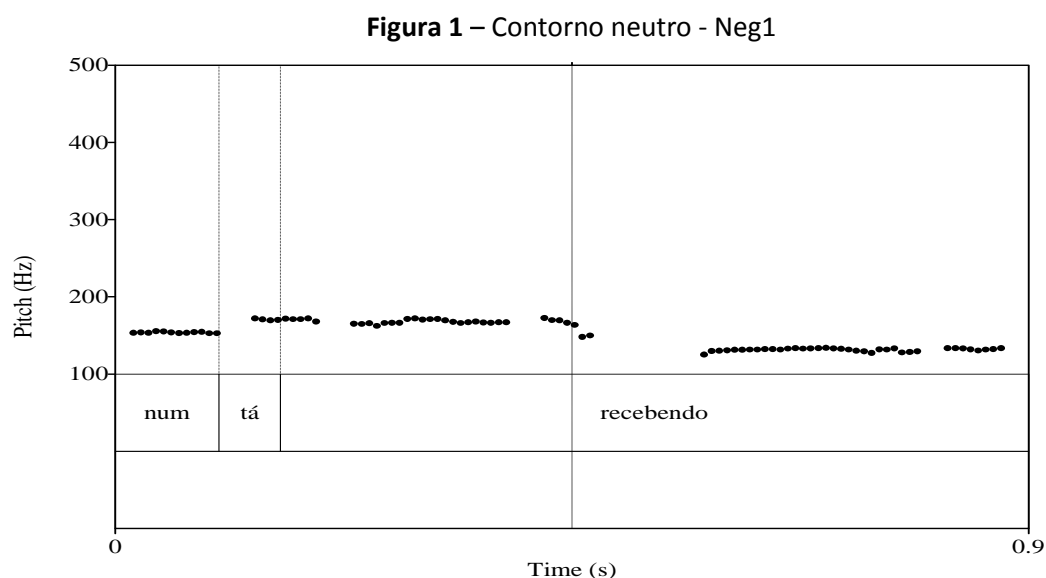
² Segundo Rizzi (1997) não é possível que haja dois elementos em foco numa mesma sentença.

3.4. Resultados

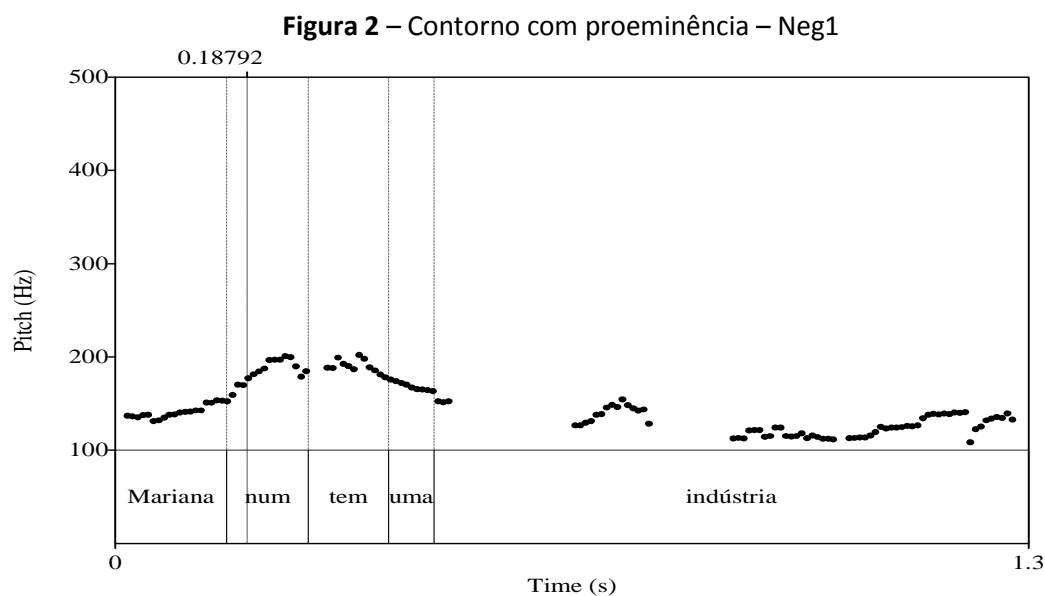
Analisando-se os dados dos quatro informantes, chegamos a resultados muito próximos. Dessa forma, apresentaremos apenas algumas figuras ilustrativas dos contornos entoacionais mais recorrentes sem distinguir os informantes.

Para Neg1, encontramos dois tipos de contorno entoacional: (1) neutro e (2) com aumento de altura no trecho de F0 correspondente ao item negativo pré-VP.

A ocorrência mais comum de contorno entoacional para a negativa pré-verbal foi o contorno neutro, sem aumento significativo de altura em nenhum trecho no contorno de F0, como é possível se observar na Figura 1, abaixo:

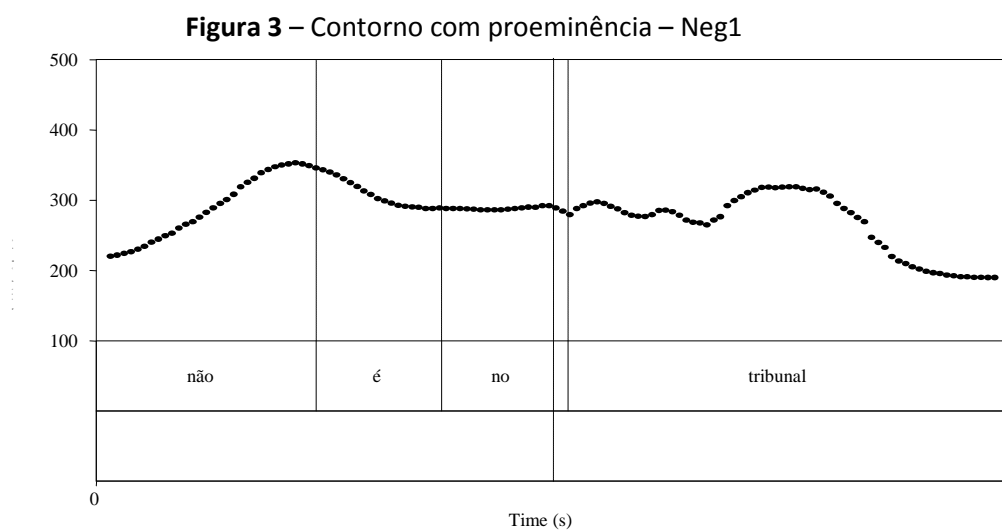


Embora menos recorrente, pôde-se constatar a ocorrência de aumento de altura de F0 sobre o item negativo pré-VP em alguns contextos. Esse aumento de altura observado no contorno de F0 sobre o elemento negativo pré-verbal se assemelha ao contorno de foco. Logo abaixo são apresentados alguns dos dados com aumento de altura de F0 sobre o *não* pré-verbal.



No dado da Figura 2, pode-se observar que há aumento de altura de F0 sobre o elemento negativo (num) e sobre o verbo (tem).

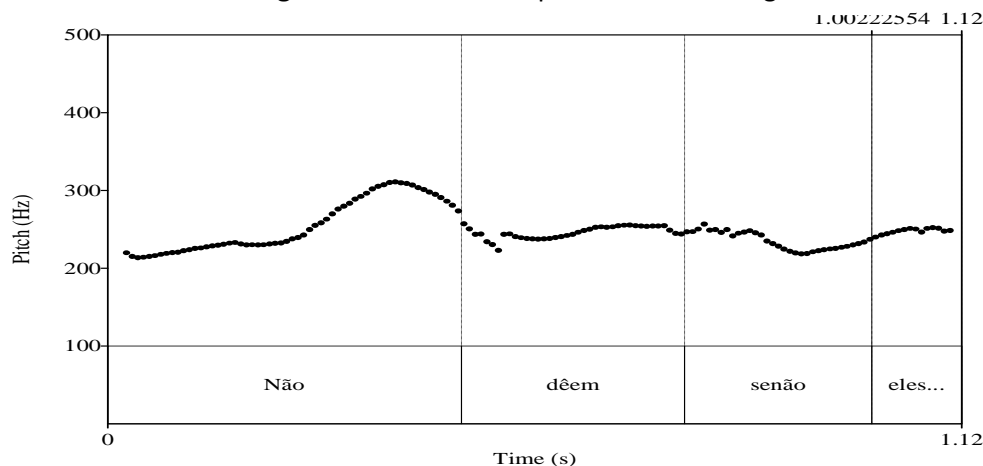
Observe, abaixo, outro dado de aumento de altura de F0 sobre o item negativo:



No dado ilustrado na Figura 3, houve um aumento de altura de F0 sobre o item negativo e uma curva de descida no fim da sentença. Esse tipo de contorno foi o mais frequente para Neg1, logo depois do contorno neutro.

A Figura 4 ilustra também a aumento de altura de F0 sobre o elemento negativo em uma sentença em que há hesitação do informante:

Figura 4 – Contorno de proeminência – Neg1



Com relação ao fraseamento em sentenças negativas pré-verbais, os dados parecem indicar duas possibilidades: (1) o *não* é mapeado no mesmo φ do verbo, assim, numa sentença como a apresentada na Figura 2 o fraseamento é o seguinte – (Mariana $_{\varphi}$) (num tem $_{\varphi}$) (uma indústria $_{\varphi}$). Essa hipótese é ainda corroborada pelo trabalho de Sousa (2007a) que aventa a possibilidade de redução e incorporação do *não* ao verbo. Ou (2) quando o item negativo é focalizado, esse é alinhado à fronteira direita de P e pode não haver atribuição de acentos tonais associados aos demais constituintes. O mapeamento de uma sentença como a expressa na Figura 4 seria o seguinte: (não $_{\varphi}$) (dêem senão eles... $_{\varphi}$). Ou seja, se isso está correto, “Alinhe Foco” é uma restrição que, no PB, está mais acima no ranking que “Alinhe XP”.

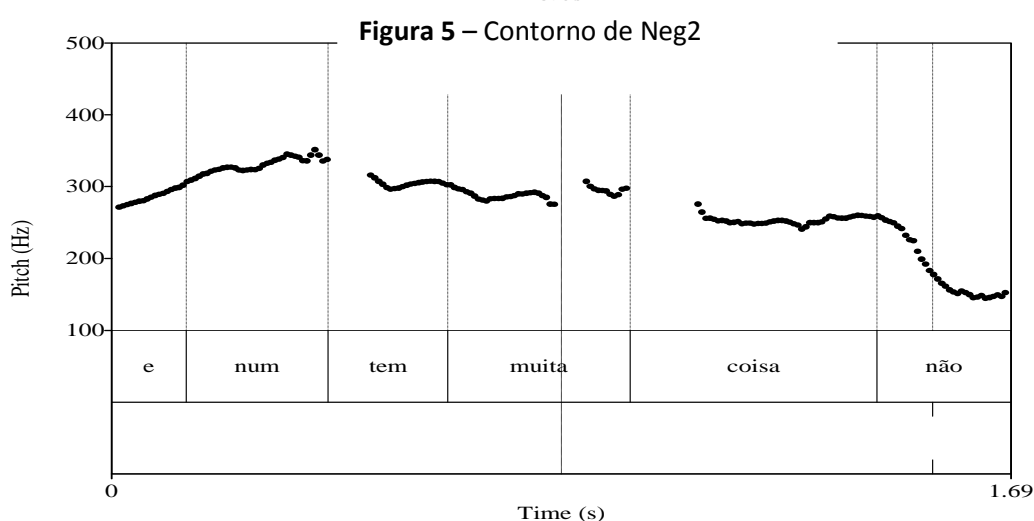
Esse dado, se confirmado, vai ao encontro do estudo desenvolvido por Fernandes (2007). Segundo esse estudo, no PB, o sujeito focalizado pode portar ou não um tipo característico de acento tonal, sendo a ausência de acentos tonais associados a palavras fonológicas intermediárias³ o principal correlato entoacional que diferencia as sentenças com sujeito focalizado das sentenças neutras em PB, além da possibilidade de haver acento frasal associado à fronteira direita do φ que contém o sujeito focalizado. No entanto, para a confirmação dessa hipótese, é fundamental que o estudo seja refeito com mais dados.

A que se considerar que, de acordo com a Condição das Categorias Lexicais (LCC), as restrições de mapeamento se aplicam a categorias lexicais e suas projeções e não a categorias funcionais. No entanto, o item negativo é núcleo de uma projeção funcional NegP (Vital (1999), Polock (1989), Zanuttini (1989)) e, portanto, não deveria contar para o mapeamento XP para P. Tal fato, porém, pode ser explicado se se considera que essa condição não se aplica a “Alinhe Foco”, já que somente nesse caso o *não* é fraseado sozinho. Para se

³ Ou seja, entre a palavra fonológica (ω) cabeça do sintagma fonológico (φ) que contém o sujeito e a ω cabeça do último φ do sintagma entoacional (I).

confirmar essa hipótese seria interessante observar como se dá a atribuição tonal quando itens funcionais são focalizados.

Com relação a Neg2, observamos apenas um tipo de contorno. Não houve, nesses dados, contorno proeminente sobre nenhum elemento específico das sentenças produzidas por nossos informantes. No entanto, algumas questões nos chamaram a atenção. Foi possível perceber que quando os informantes produziam Neg2, embora não ocorressem picos no contorno melódico, toda a sentença estava em nível bem mais alto em Hertz e havia ainda uma queda brusca e acentuada no fim do contorno entoacional da sentença, justamente sobre o segundo *não* da estrutura. A Figura 5, abaixo, ilustra a ocorrência:



Essa ausência de picos no contorno de F0 nas sentenças com dupla negativa pode ser explicada se se considera que, nesse caso, o segundo *não* da estrutura está no lugar de proeminência principal, considerando a recursividade da língua, ou seja, na cabeça do último ϕ de I.

Diferentemente do que esperávamos, encontramos a partir da análise apresentada acima as seguintes características entoacionais nas sentenças negativas analisadas: (1) possibilidade de focalização do elemento negativo pré-verbal em sentenças Neg1, e (2) ausência de picos no contorno entoacional nas sentenças com Neg2.

É interessante ressaltar, ainda, que Armstrong et al (2008), analisando contorno entoacional de sentenças negativas no PB a partir de gravações de fala semi-espontânea, chegou a resultados muito próximos do que encontramos na análise aqui desenvolvida.

4. Considerações Finais

No desenvolvimento desse trabalho, pudemos perceber que há uma diferença de contexto pragmático que define a ocorrência das negativas sentenciais no PB. Essa diferença pragmática, conforme pudemos observar, tem reflexos sobre o contorno entoacional das sentenças. No caso de uma Neg1 o elemento negativo pode receber ou não proeminência principal (expressa por aumento expressivo de F0), ou seja, pode ser focalizado ou não; já nos dados de Neg2, não houve proeminência principal sobre itens isolados da sentença. O aspecto que mais chamou a atenção nos dados de Neg2 foi justamente a maior frequência em Hz da sentença inteira com a queda acentuada na curva de F0 sobre o *não*-final de sentença. Com relação ao mapeamento XP para P, pôde se observar que o *não* pré-verbal é mapeado num mesmo ϕ que o verbo ou ocupa um único ϕ , quando focalizado.

REFERÊNCIAS

- ARMSTRONG, M. ; BERGMANN, A. & TAMATI, T. The Prosody of Negation in Brazilian Portuguese. In.: BARBOSA, P.A.; MADUREIRA, S.; REIS, C. (Eds.) **Proceedings of the Speech Prosody 2008 Conference**. Campinas, Brasil: Editora RG/CNPq, p. 489-492.
- CHEN, Mathew Y. The syntax of Xiamen tone sandhi. **Phonology Yearbook** 4: 109-149, 1987.
- CINQUE, Guglielmo. A null theory of phrase and compound stress. **Linguistic Inquiry** 24(2):239-298, 1993.
- FERNANDES, Flaviane R. **Ordem, focalização e preenchimento em Português: Sintaxe e Prosódia**. Tese de doutorado. Campinas/Unicamp, 2007.
- KANERVA, Jonni M. **Focus and phrasing in Chichewa**. Doctoral dissertation, Stanford University, Stanford, Calif, 1989.
- KISS, Katalin É. Identifiational focus versus informational focus. **Language** 74- 245-273, 1998.
- NESPOR, Marina & VOGEL, Irene. **Prosodic phonology**. Dordrecht: Foris, 1986.
- POLLOCK, Jean.-Y., 1989. Verb movement, Universal Grammar and the Structure of IP. **Linguistic Inquiry** 20.365-424.
- RIZZI, L. The fine structure of the left periphery of the clause. In.: HAEGEMAN, L. (ed.). **Elements of Grammar**. Dordrecht: Kluwer, 1997. p.281-337.
- SCHWENTER, Scott A. The pragmatics of negation in Brazilian Portuguese. **Lingua** 115, 2005. p. 1427-1456.

SELKIRK, Elisabeth O. **Phonology and syntax: the relation between sound and structure**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1984.

_____. On derived domains in sentence phonology. **Phonology Yearbook** 3:371-405, 1986.

_____. The prosodic structure of function words. In. **University of Massachusetts occasional papers 18: Papers in Optimality Theory**, 439-469. GLSA, University of Massachusetts, Amherst.

SOUSA, Lílian T. **Formas Reduzidas de Itens Negativos no Português Brasileiro**. Dissertação de mestrado. Fale/UFMG. 2007a.

_____. Negação e foco no Português Brasileiro. **Anais do 54º Seminário do Gel**, São José do Rio Preto, 2007b.

TRUCKENBRODT, Hubert. On the relation between Syntactic Phrases and Phonological Phrases, 1999.

VITRAL, L. A Negação: Teoria da Checagem e Mudança Lingüística. **D.E.L.T.A.** Vol. 15, nº 1, 1999. p. 57-84

XU, Y., Speech melody as articulatorily implemented communicative functions. **Speech Communication** v. 46, p. 220-251, 2005.

ZANUTTINI, R. **The Structure of Negation Clause in Romance**. Ms. University of Pennsylvania, 1989.

ZUBIZARRETA, M.L. **Prosody, Focus and Word Order**. MIT Press, 1998.